



# O MENINO QUE PASSEAVA: UMA PROPOSTA TERAPÊUTICA SOB O OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

The Boy Walking: A Therapeutic Proposal Under the Phenomenological-  
Existential Perspective

MARCOS VINÍCIUS LOURENÇO NUNES \*

El Niño Que Camina: Una Propuesta Terapéutica Bajo La Perspectiva  
Fenomenológico-Existencial

**Resumo:** O artigo visa realizar uma análise fenomenológica-existencial a respeito de uma proposta terapêutica realizada entre 2019-2020 em um CAPS Infantojuvenil, cujo foco foi a realização de caminhadas, sugerida pelo próprio paciente, ao longo dos arredores de seu bairro. A partir daqui, vislumbra-se discutir a aliança possível entre a prática em Saúde Mental e a clínica fenomenológica-existencial – tendo como base autores como Merleau-Ponty, Heidegger, Augras e Feijoo – enquanto uma potente vertente a ser utilizada dentro deste campo de atuação. Busca-se ainda utilizar algumas obras do quadrinista Jiro Taniguchi para auxiliar nas discussões relacionadas às experiências vivenciadas pelo paciente durante as caminhadas, sendo tais quadros uma ilustração fecunda sobre os possíveis benefícios que o hábito de passear pode acarretar, culminando nas reflexões sobre a sensação de leveza vital que esta prática nos proporciona e sobre as transformações que podem incidir sobre o sujeito em meio às percepções deste horizonte existencial.

**Palavras-chave:** Psicologia; Fenomenologia; Saúde Mental; Saúde Pública.

**Abstract:** The article has the objective of carrying out an existential-phenomenological analysis of a therapeutic proposal carried out between 2019-2020 in a Child and Youth CAPS, whose focus it was the performance of hikes, suggested by the patient, by the outskirts of sub bairro. From here, it is possible to discuss the possible alliance between the practice in Mental Health and the existential-phenomenological clinic - based on authors such as Merleau-Ponty, Heidegger, Augras and Feijoo - as a powerful strand to be used within this field of performance. We also seek to use some works by the comic artist Jiro Taniguchi to help in discussions related to the experiences lived by the patient during the walks, being comic words a fruitful illustration of possible benefits that could bring about the habit of walking, culminating with reflections about the feeling of vital lightness that this practice offers us and about the transformations that can affect the subject through the perceptions of this existential horizon.

**Keywords:** Psychology; Phenomenology; Mental Health; Public Health.

**Resumen:** El artículo tiene como objetivo realizar un análisis existencial-fenomenológico de una propuesta terapéutica realizada entre 2019-2020 en un CAPS Infanto Juvenil, cuyo enfoque sería caminar, sugerido por el paciente, por las afueras de su barrio. A partir de aquí, es posible discutir la posible alianza entre la práctica en Salud Mental y la clínica existencial-fenomenológica - basada en autores como Merleau-Ponty, Heidegger, Augras y Feijoo - como un aspecto poderoso para ser utilizado dentro de este campo del desempeño. También se busca utilizar algunas obras del dibujante de cómics Jiro Taniguchi para ayudar en las discusiones relacionadas con las vivencias vividas por el paciente durante las caminatas, siendo dichos cómics una fructífera ilustración de los posibles beneficios que puede traer el hábito de caminar, culminando con reflexiones sobre el sentimiento de ligereza vital que nos brinda esta práctica y sobre las transformaciones que pueden afectar al sujeto en medio de las percepciones de este horizonte existencial.

**Palabras-clave:** Psicología; Fenomenología; Salud Mental; Salud Pública

\* Psicólogo da Prefeitura Municipal de Campinas, São Paulo. Orcid: 0000-0002-3959-0779. Email: mvl\_n\_01@hotmail.com



## Introdução

Jiro Taniguchi foi um dos *mangakás*<sup>1</sup> mais respeitados e influentes do mundo. O elemento central de suas narrativas consistia na observação apurada de elementos ditos cotidianamente banais da existência (chuva, árvores, o jogo das luzes numa noite qualquer, a maciez de uma grama...), revelando neles uma beleza e amplitude sentimental que trazem à tona as nuances relativas à nossa experiência vital.

Em 1990, Taniguchi lançou “O Homem Que Passeia” e sua história possui uma premissa simples: um homem de meia-idade que realiza uma série de passeios pelos subúrbios de sua cidade e, ao longo de um caminhar aguçado frente às pequenas coisas da vida, acaba brincando com seus próprios sentidos: ele cheira, toca, escuta, contempla; nos ensina a dar mais atenção aos pequenos detalhes que muitas vezes passam despercebidos:

Se quero contar histórias a partir de coisas insignificantes da vida cotidiana, é porque dou importância à expressão das oscilações, às incertezas que as pessoas vivem no cotidiano, a seus sentimentos profundos em suas relações com os outros [...] o que me interessa [...] é encontrar uma maneira de representar esses sentimentos da maneira mais natural possível (Taniguchi, 1990/2019, p.236).

Merleau-Ponty (1942/2006) nos ajuda a pensar a respeito desta questão trazida por Taniguchi sobre a experiência natural dos sentimentos na relação com os outros ao realizar desconstruções a respeito do conceito de natureza. Para o filósofo, as doutrinas contemporâneas<sup>2</sup> entendem a natureza como uma unidade constituída diante da consciência, numa multiplicidade de acontecimentos exteriores uns aos outros ligados por leis que indicariam relações causais; entretanto, Merleau-Ponty (1948/2004) compreende a natureza através da ideia de mundo percebido, ou seja, aquele que é revelado pelos sentidos e pela experiência de vida, bastando-nos o abrir dos olhos para acessá-lo, culminando no ponto de que “a ‘coisa’ natural, o organismo, o comportamento do outro e o meu existem apenas por seu sentido” (Merleau-Ponty, 1945/2006, p.345).

Merleau-Ponty (1945/2006) amplia este panorama do mundo percebido ao esmiuçar o mote do sentir, quando infere que é esta a comunicação vital com o mundo, é o prisma que o torna presente como algo familiar, é a malha tecida entre o objeto percebido e o sujeito que percebe; logo, é aquilo que permite as relações singulares entre o sujeito encarnado e sua paisagem circundante, permitindo, assim, a nossa experiência de mundo.

Quando ressaltamos o caráter da natureza enquanto revelada pela experiência do sentir, não estamos trilhando os rumos de um entendimento solipsista do viver, uma vez que não estamos aqui para negar o fato da existência de um mundo fora do sujeito, mas sim queremos enfatizar que, por conta do aspecto situacional de nossa interdependência mundana, o mundo é apreendido pelo sujeito enquanto manifestação (Augras, 1978/2013). A natureza é vivenciada pela percepção, transformada em mundo e nós acabamos nos tornando testemunhas da realidade como tal para nós:

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo e é no mundo que se conhece (Merleau-Ponty, 1945/2006, p.06).

Em se tratando do natural enquanto “aderência ao sensível”, Merleau-Ponty (1945/2006) observa uma noção de “estrutura” que permeia o contato com o mundo e que parte de um conhecimento do corpo entendido não como uma massa material inerte e exterior àquilo que o cerca, mas sim enquanto invólucro vivo de nossas ações: o corpo é o veículo de nossas intenções e seu “esquema corporal” sinaliza a maneira como cada sujeito se organiza para experienciar as relações estabelecidas com o mundo circundante. Neste ponto, podemos fazer uma relação entre a imbricação homem-mundo fenomenológica e a opinião de Taniguchi sobre o porquê a ação de caminhar ser a mais natural de todas:

1 Termo usado para designar os criadores de histórias em quadrinhos japonesas, mundialmente conhecidas como *mangás*;

2 As doutrinas contemporâneas criticadas por Merleau-Ponty em “A Estrutura Do Comportamento” são: Física, Biologia e Psicologia (de bases experimentais), pelo fato de que estas, na medida em que se consideram ciências naturais, interpretam a realidade através de modelos mecanicistas sustentados por relações de causas e efeitos, condicionando o entendimento do real numa cadeia de justificativas deterministas. Em “Conversas – 1948”, Merleau-Ponty retoma a crítica ao colocar que o ideário que estes ditos saberes científicos postulam possui como consequência o esquecimento do mundo sensório na análise da realidade, rebaixando-o como mera aparência ilusória que obstruiria o alcance da verdadeira natureza das coisas;



Dentre as ações cotidianas dos seres humanos, a caminhada é a mais natural. [...] Para mim, o passeio deve ser uma liberdade. Nem objetivo nem limites de tempo devem obstruí-la [...] a caminhada precisa de um estado de disponibilidade. [...] Quando caminhamos devagar, podemos descobrir coisas fugidas. São, claro, coisas ínfimas, acontecimentos pequenos que nos enriquecem e, se me deixar levar por meu entusiasmo, diria até que às vezes nos deparamos com coisas que nos fazem sentir plenamente o prazer da vida. Podemos experimentar sentimentos novos com a visão das plantas ou das pedras ao longo do caminho. O passeio possibilita sensações novas, sentimentos novos. Pode até proporcionar os mesmos prazeres de uma pequena viagem (Taniguchi, 1990/2019, p.235).

Monique Augras (1978/2013) complementa esta ideia ao colocar que compreender o mundo é interpretá-lo e que entendê-lo é elaborar um conjunto de símbolos capazes de fornecer dimensão humana às experiências. Ora, se o esquema representacional que usamos é visto como forma de dominarmos o espetáculo da realidade, temos que, numa operação inversa pautada na inseparabilidade homem-mundo, a descrição do mundo será elemento chave para iniciarmos a descrição do homem, já que o indivíduo retrata a si próprio ao organizar o esplendor do mundo por determinados sistemas simbólicos, transformando o real imediato em conjunto de abstrações, capacitando nossa atuação sobre a realidade.

Nesta mesma linha de raciocínio, Feijoo (2010) coloca que “mundo” diz respeito ao caráter próprio de abertura do Ser, fazendo parte de sua indeterminação existencial enquanto estrutura; uma vez que o Ser sempre se encontra em contexto com uma espacialidade que lhe vem ao encontro, o mundo próprio acaba por se tornar um ato existencial, um modo de estar em relação com as coisas, um horizonte aberto de possibilidades; logo, o eu não se dá sem mundo.

Sendo assim, as ações que realizamos no mundo e suas significações se relacionam ao processo de constituição existencial que nós somos e dizem respeito à maneira pela qual sentimos o universo circundante; realizar o movimento de análise da relação do homem com este mundo e perceber a maneira pela qual os diferentes ambientes nos afetam se mostram importantes para a compreensão existencial do indivíduo.

Este trabalho pretende realizar um breve estudo de caso, no qual um adolescente que recebia atendimentos em Saúde Mental pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Infantojuvenil propôs para o profissional um projeto de caminhadas como sua proposta terapêutica. A partir deste ponto, o artigo buscará promover a utilização da abordagem fenomenológica-existencial<sup>3</sup> como fonte efervescente a ser utilizada na Saúde Pública, em especial, no que tange a área da Saúde Mental Infantojuvenil; concomitante a isto, pretende-se utilizar a atmosfera trazida por Taniguchi a respeito dos passeios, na qualidade de possibilidades para experimentar sentimentos e sensações novas, enquanto amálgama de união entre o olhar fenomenológico-existencial e a prática de caminhadas dentro do âmbito clínico.

## O CAPS e a Clínica Ampliada

O CAPS é o equipamento público de tratamento em Saúde Mental destinado para os transtornos mentais graves e persistentes, decorrentes ou não do uso de substâncias psicoativas (portaria GM nº3.088/2011). Tal serviço está inserido numa grande rede de cuidados intersetoriais denominada Rede de Atenção Psicossocial – RAPS, que abrange todos os possíveis agentes capazes de garantir os cuidados pertinentes inscritos neste âmbito, não só os circunscritos à área da Saúde, mas também aqueles que abarcam a promoção da vida como um todo; (como escolas, centros comunitários, cooperativas de trabalho, associações de bairro, organizações não governamentais (ONG) que promovem atividades esportivas e culturais, empresas, entre outros).

Esta proposta está alinhada com os preceitos da Reforma Psiquiátrica, que são contrários à prática dos modelos hospitalocêntricos de outrora, cujas consequências giram ao redor da exclusão social, encarceramento de vidas, desrespeito aos direitos humanos, cristalização dos rótulos pejorativos da loucura e absolutização dos saberes médicos; ou seja, temos que hoje o tratamento em Saúde Mental possui bases estruturadas na humanização do usuário, na integração destes ao ambiente sociocultural, na convivência direta com seu território de origem, na consolidação dos laços familiares e comunitários, na reinserção às práticas laborais, na luta contra a estigmatização da loucura, no exercício dos direitos civis e na promoção de saúde e cidadania.

Os CAPS são serviços de saúde abertos e comunitários para tratamento de pessoas que sofrem com transtornos mentais cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo e pautado pelo vértice dos trabalhos em equipes interdisciplinares. A portaria GM nº336/2002 dividia os CAPS em cinco modalidades: CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPSad e CAPSij. Os quatro primeiros, para pacientes acima de 18 anos – CAPSad voltado para sujeitos com transtornos decorrentes do uso e depen-

<sup>3</sup> “A psicologia fenomenológica visa a descrever com rigor, e não deduzir ou induzir; mostrar, e não demonstrar; explicitar as estruturas em que a experiência se verifica, e não expor a lógica da estrutura; por fim, tentar transparecer na descrição da experiência suas estruturas, e não deduzir o aparente por aquilo que não se mostra. Assumir a práxis da psicologia a partir da metodologia fenomenológica implica em deixar para trás qualquer tentativa de abordar o fenômeno da existência humana do ponto de vista explicativo ou interpretativo-psicanalítico, pois se acredita que – em termos de existência – pode-se apenas compreender o seu fluir no tempo e, desta forma, tentar revelar o sentido do ser na existência. Tal desvelamento não implica investigar o psiquismo em suas propriedades e funcionamento, mas deixar que o sentido do ente se mostre por si mesmo” (Feijoo, 2010, p.33-34). Sendo assim, o olhar fenomenológico-existencial é entendido como uma abordagem que almeja, em seus arcabouços teóricos; o revelar-se dos fenômenos existenciais num contexto de naturalidade, interessado na realidade enquanto condições de possibilidades (Tatossian, 1979/2006).



dência de substâncias psicoativas – e o CAPSij voltado às crianças e adolescentes. Embora existam pontuais mudanças nesta estruturação desde a época de sua implementação – como a possibilidade de inclusão de CAPS 24h para crianças e adolescentes –, de modo geral, tal divisão é presente até os dias de hoje no estado de São Paulo, região de abrangência do trabalho em questão.

Os cuidados vislumbrados pelos CAPS são pautados dentro dos princípios da Clínica Ampliada, que envolve uma forma de cuidado que vai além dos moldes clássicos pré-estabelecidos socialmente no modelo queixa-conduta, estabelecendo uma nova relação entre os profissionais e os pacientes no que tange o processo saúde-doença, pois reconhece os limites dos conhecimentos e das tecnologias em prol da busca por novas alternativas de cuidado mais focadas às vivências das pessoas, colocando-as como participantes ativos e corresponsáveis pelo próprio tratamento, respeitando sua construção de significações a respeito de suas problemáticas.

É neste aspecto da Clínica Ampliada como um exercício à abertura ao imprevisível para a busca de possibilidades dentro do tratamento que a Fenomenologia revela sua potência dentro do trabalho público em Saúde Mental, uma vez que, tal qual nos lembra Feijoo (2017), o método fenomenológico se baseia na aproximação do fenômeno sem retirá-lo de seu campo de mostração, uma investigação que se dá na própria experiência cotidiana, um saber-fazer que se conquista no saborear demorado da própria experiência da clínica, na qual o profissional se deixa guiar pelo outro, apostando no afeto como força motriz do trabalho clínico.

Tais princípios norteadores da clínica psicológica baseada nos saberes fenomenológicos se conectam com os preceitos propostos pela prática da Clínica Ampliada, apresentando a Fenomenologia como uma abordagem pujante no que diz respeito à proposta antimanicomial, capaz de dar vazão às nuances do indivíduo em meio ao seu horizonte vivencial, sem precisar indicar concepções prévias sobre o que é o homem, uma vez que é ele, em sua relação única com o mundo, que irá despontar como si mesmo, clareando os passos de seu caminho.

Considerando que tal equipamento se constitui como um ambiente acolhedor e inserido em região próxima da moradia do paciente, considerando ainda que as ações de cuidado prestadas por este dispositivo muitas vezes ultrapassam a própria estrutura física do local e, ainda, que as táticas utilizadas pelo CAPS se situam dentro do prisma da Clínica Ampliada, a proposta terapêutica escolhida pelo paciente de caminhadas semanais ao redor de seu bairro constitui uma possibilidade de tratamento potente, que se encontra ancorada dentro dos preceitos de trabalho vislumbrados pelo CAPS.

## Vamos Caminhar Juntos?

Importante ressaltar que teremos como base desta análise o recorte transversal de um dado momento de sua travessia vital: o ano de 2019, no qual a dita proposta terapêutica das caminhadas surgiu, dentro do contexto de aparente piora do quadro psiquiátrico e das baixas adesões às propostas de tratamento anteriormente sugeridas.

Hélio<sup>4</sup> atualmente tem 19 anos e chegou ao CAPS com 13 anos de idade; seu histórico de queixas inclui: dificuldades na interação social, ansiedade na lida com o outro (tremores nos membros, “engasgar” da fala, postura cabisbaixa), dificuldades no entendimento de orientações simples, comunicação empobrecida, discurso com algumas passagens desconexas, heteroagressividade em momentos inesperados e por motivos torpes, irritabilidade, certa infantilização, histórico de autolesões (colocação de objetos nos ouvidos e nos olhos – como lápis, caneta, pequenos pedaços de madeira, pregos –, beliscava com força seu corpo por achar que haviam insetos nele) e acumulação de itens encontrados nas ruas.

Justamente no início do ano de 2019, um fato importante marca o início da piora de seu quadro mental: o afastamento da escola. Tal escolha se deu por conta da resistência do adolescente em estar no ambiente educacional e, ao longo de alguns atendimentos individuais, Hélio relatou que não gostava de ficar no meio de outras pessoas, não possuía amigos, não gostava que todos olhassem para ele e que o mundo dizia que ele era “chato e burro”. Pouco tempo depois deste marco, a equipe do CAPS começou a perceber que o mesmo começou a faltar em seu projeto terapêutico e, dada a gravidade do caso em si, decidiu-se, em reunião de equipe, pela estratégia dos atendimentos domiciliares como uma tentativa possível de reestruturação de vínculo do paciente com a instituição.

Durante a primeira visita, após algumas atividades como jogo de damas e conversa sobre um perfume que havia ganhado de aniversário, o adolescente propôs que realizássemos uma caminhada ao longo de seu bairro na semana seguinte. Assim sendo, no segundo atendimento, iniciamos tal proposta e, inicialmente, saltavam aos olhos algumas mudanças comportamentais: certa redução dos tremores de membros, diminuição da postura cabisbaixa e maior disposição para o relacionamento interpessoal. Em vários momentos do passeio, Hélio demonstrava interesse em puxar assuntos relativos ao seu final de semana e aos locais que estávamos passando naquele instante:

<sup>4</sup> Os nomes apresentados ao longo do texto foram modificados estrategicamente, na esperança de resguardar a identidade dos atores centrais desta narrativa;



Hélio: *"Eu vi filmes no Netflix"*  
Terapeuta: *"Ah é? Que tipos de filmes você gosta de ver?"*  
Hélio: *"Eu gosto de ver desenhos... eu vejo filmes de terror também, aí eu tenho pesadelos de noite"*  
Terapeuta: *"Poxa, você gosta de ver filmes de terror e fica tendo pesadelos depois"*  
Hélio: *"No domingo eu vi 'Domingão do Faustão', aí depois eu vi o Silvio Santos"*  
Terapeuta: *"O que você mais gosta de ver no programa do Silvio Santos?"*  
Hélio: *"Eu gosto de ver as 'pegadinhas' [em seguida, o adolescente descreve algumas das 'pegadinhas' que mais gostou naquele dia]... 'Tá' vendo aquela casa com placa ali na frente?"*  
Terapeuta: *"Sim, estou vendo, o que é essa casa?"*  
Hélio: *"É o lugar onde eu corto o cabelo"*  
Terapeuta: *"Ah, que legal! Qual o nome dele?"*  
Hélio: *"O nome dele é 'Keko', ele tem uns dez anos, eu acho..."*

Hélio apresentava maior vontade em iniciar conversas ao longo do trajeto e estava mais disponível para dialogar sobre outros assuntos propostos; aos poucos, ficava cada vez mais tranquilo quanto mais possibilidades de vivenciar liberdade em suas ações eram proporcionadas a ele, e nisto também incluía o nosso bate-papo, ou seja, nos momentos em que ele aparecia como articulador principal dos assuntos, suas demandas psiquiátricas tendiam a consideráveis melhoras. No atendimento em sequência, Hélio nos levou a uma escola infantil de referência no seu bairro:

Hélio: *"Aqui é a creche que a minha prima estuda"*  
Terapeuta: *"E qual o nome dessa creche Hélio?"*  
Hélio: [paciente não sabia o nome da escola e tentou ler a placa de identificação, mas o entendimento de sua fala se mostrou ininteligível]  
Terapeuta: *"Ah, que legal Hélio! Quantos anos sua prima tem?"*  
Hélio: *"Ah, uns dezesseis anos eu acho..."*

Hélio conquistava cada vez mais intimidade com o terapeuta, chegando ao ponto de, sem o profissional saber, levá-lo para conhecer as casas de suas tias e de sua avó; em todas estas situações, os parentes que acabaram conversando com o profissional nestas visitas surpresas disseram que o adolescente, durante as reuniões de família aos finais de semana, apresentava melhora significativa do quadro patológico inicial, conversando mais com as pessoas e falando "frases mais completas". Numa das caminhadas, Hélio veio contente mostrar uma novidade ao seu terapeuta:

Terapeuta: *"Olha aí hein Hélio, já está pronto para nossas caminhadas! Desde que horas você já está acordado?"*  
Hélio: *"Ah, desde às 15:30"*  
Terapeuta: *"Caramba, que cedo!"*  
Hélio: *"Olha o meu chinelo novo que eu comprei no centro!"*  
Terapeuta: *"Legal Hélio! Ele é bonito! Quando que você comprou ele?"*  
Hélio: *"Ah, eu fui hoje<sup>5</sup>... Olha só isso aqui, eu fiz tatuagens de canetinhas"*  
Terapeuta: *"Que interessante! Me explica o que são elas"*  
Hélio: *"É um diamante, um baralho, um coração e uma espada"*  
Terapeuta: *"E o que é essa outra coisa que você está segurando aí na mão?"*  
Hélio: *"Isso aqui? Ah, eu ganhei do Papai Noel"*  
Terapeuta: *"Mas você acredita em Papai Noel?"*  
Hélio: *"Sim, eu acredito"*  
Terapeuta: *"Entendi [...] Olha só Hélio que paisagem bonita esta que estamos passando, agora que eu percebi<sup>6</sup>"*  
Hélio: *"Nossa, é muito bonito mesmo"*  
Terapeuta: *"E aí Hélio, o que você sente quando olha para esta paisagem?"*  
Hélio: *"Eu sinto o céu, eu sinto felicidade. [...] 'Tá' vendo aquela torre grande lá longe, no fundo?"*  
Terapeuta: *"Agora que você me mostrou, eu estou vendo sim. O que é lá?"*  
Hélio: *"Ali é onde fica o aeroporto. [...] Eu já morei no CDHU<sup>7</sup>, sabia?"*  
Terapeuta: *"É mesmo? Faz quanto tempo?"*  
Hélio: *"Ah, uns sessenta minutos... eu acho..."*

Na época do início da proposta de passeios, Hélio estava afastado do convívio escolar, sua genitora relatava bastante resistência do mesmo em retornar à sua rotina escolar e todas as vezes as quais era abordado

<sup>5</sup> Dado o fato de que as visitas domiciliares para Hélio iniciavam por volta das 08:30, dada a grande distância entre seu território de origem e a região central e dada a questão de que Hélio e seus familiares só conseguiam acessar o centro via transporte público, tal afirmação de que o chinelo fora comprado naquele mesmo dia se mostra como impensável, de acordo com as ditas circunstâncias;

<sup>6</sup> Como se trata de uma região mais afastada dos grandes centros da cidade, o bairro de Hélio é bastante arborizado e, por conta da característica geográfica de possuir vários aclives e declives, há alguns picos estratégicos com grandes campos que propiciam um espetáculo visual;

<sup>7</sup> Sigla para "Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo"; é uma empresa ligada ao governo do estado de São Paulo fundada em 1949 para construir e financiar moradias populares voltadas para pessoas de baixa renda;



pelos profissionais sobre este assunto, negativas eram fornecidas, tais como “*eu prefiro ficar em casa*”, “*prefiro ficar sozinho*” e “*eu não quero voltar para escola não, é muito barulho, me dá dor de cabeça, eu queria pegar atestado*”. Contudo, tal temática começava paulatinamente a aparecer ao longo das caminhadas e um ponto de mudança se desenhava quando, em determinado dia e de forma até inusitada, o paciente indagou sobre um novo e surpreendente pedido: a possibilidade de visitar sua “antiga” escola.

Hélio e o profissional foram bem recebidos pela equipe escolar e, após uma rápida conversa com a coordenadora do local, o jovem fez questão de mostrar o espaço, contudo, como estava na hora do intervalo das aulas e os alunos estavam espalhados por todo pátio, Hélio titubeou em ir por aquele caminho e voltou a apresentar os sintomas comportamentais característicos de sua trajetória de tratamentos, mas aceitou a ideia do terapeuta em mostrar a outra parte da escola, que estava vazia por conta da hora do intervalo, melhorando significativamente seus agouros anteriores.

Na semana seguinte, o adolescente pede novamente para retornar à escola e, como não estava na hora do intervalo entre as aulas, fora possível apresentar a outra parte do espaço físico que ficou pendente na última visita. Ao longo destas visitas, Hélio diz que caso existisse uma sala com menos alunos e mais silenciosa, talvez ele voltasse a estudar, que sua grande questão era com relação ao barulho em sala de aula.

Seguindo na linha dos pedidos inesperados, na outra semana, Hélio perguntou da possibilidade de visitar uma ONG próxima de sua casa. No decorrer da visitação, notou-se que adolescente voltava a apresentar os sintomas de outrora, prisma este que, ao sair do espaço físico da respectiva ONG, desapareceu novamente; tal oscilação já fora notada em outras situações anteriores, como em uma semana na qual, após um pedido de comer alguma coisa, ele e seu terapeuta foram tomar um café da manhã em uma padaria próxima de sua casa e igualmente se mostrou notória sua mudança comportamental dentro de um espaço mais fechado.

A proposta terapêutica relatada ocorreu ininterruptamente durante oito meses; todavia, precisou ser interrompida de forma abrupta no ano de 2020, por conta da questão que envolvia a pandemia da COVID-19 e a consequente política de isolamento social implantada e defendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde (MS). Neste intervalo de tempo, o CAPS realizava monitoramento do quadro de Saúde Mental dos pacientes via ligações telefônicas, atendimentos online e atendimentos presenciais de urgência/emergência. Durante tal período, a genitora de Hélio pediu a renovação da prescrição medicamentosa de seu filho e fora retirar no espaço físico do CAPS, trazendo Hélio junto e este pediu para conversar com o profissional que realizava as caminhadas:

Hélio: “*Poxa, faz muito tempo que você não vai lá em casa...*”

Terapeuta: “*É verdade Hélio, mas qual será o motivo do porquê eu não estar mais ido na sua casa?*”

Hélio: “*Faz uns anos já...*”

Terapeuta: “*Não Hélio, não fazem alguns anos. Mas por que será que eu não estou indo?*”

Hélio: “*É ‘pra’ você poder conhecer a minha vó. [...] Você precisa conhecer a outra rua agora...*”

Terapeuta: “*Mas você sabe o que está acontecendo no mundo? O que gerou esse isolamento social todo?*”

Hélio: “*Ah... é o Coronavírus... né*”

Terapeuta: “*Exatamente! Sendo assim, quando toda essa situação do Coronavírus se normalizar, vou adorar conhecer a sua avó e conhecer a outra rua*”

Hélio: “*Olha aqui, eu estou usando o chinelo do meu pai*”

Terapeuta: “*Nem tinha percebido... Mas esse chinelo me parece um pouco grande para o seu pé, quanto que o seu pai calça?*”

Hélio: “*Ah, acho que uns vinte e sete... eu calço trinta e oito*”

Terapeuta: “*Caramba, que interessante!*”

Hélio: “*Eu fui fazer uma visita para a minha prima Emília... acho que foi ontem*”

Terapeuta: “*Olha só, não sabia disso. Eu acho que eu já conheci a Emília, foi naquele dia que você me levou para conhecer a casa da sua tia, não foi? Eu me lembro que tinham duas primas, uma maior e uma menor. Qual das duas é a Emília?*”

Hélio: “*Ah não, a Emília é uma só*”

Terapeuta: “*Ah, entendi*”

Hélio: “*Eu sonhei que eu ‘tava’ sendo atropelado por um trem*”

Terapeuta: “*Nossa, que sonho ruim este hein. Me fala mais sobre este sonho*”

Hélio: “*Ah, eu estava correndo ‘assim’ na rua né, aí aparecia um trem ‘grandão’ e [onomatopeia de colisão], me pegou. Também aparecia um anjo, um diabo e um avião*”

Terapeuta: “*Ué, você não disse que tinha sido atropelado por um trem? Como que foi aparecer esse avião agora? Não entendi*”

Hélio: “*Ah, o avião ele ‘tava’ voando assim e aí ele foi e pousou na rua*”

Por conta da questão de horário e de outros afazeres domésticos, o bate-papo precisou ser encerrado por sua mãe, o que foi respeitado por parte do profissional. Com o início da vacinação da COVID-19 a partir do ano de 2021, consequente arrefecimento das medidas sanitárias anteriormente adotadas para o controle da pandemia e gradual retorno econômico, os atendimentos presenciais no CAPSij foram se restabelecendo



progressivamente; todavia, por conta de sua maioria e a delicadeza de seu quadro psiquiátrico, os profissionais optaram por realizar o processo de transferência para segmento dos cuidados de Saúde Mental de Hélio em um CAPS adulto.

## As Compreensões de uma Travessia

Esta atividade peripatética nos mostra várias nuances relacionadas à existência de Hélio, principalmente relacionadas às vivências que emanavam destas andanças com seu terapeuta; há aqui uma sensação crescente de tranquilidade que vai se desenhando quanto mais as caminhadas se consolidam como algo que transcende uma simples estratégia e/ou técnica terapêutica, se inserindo no âmbito de uma abertura ao inesperado enquanto possibilidade para o experienciar do mundo.

A ideia de tranquilidade sublinhada como leveza contida aqui nos remete a Heidegger (1987/2017), quando este diz que a constituição do existir humano é um manter-se aberto, um poder-apreender as significações daquilo que aparece e lhe fala em seu Ser enquanto Clareira [*Lichtung*]; segundo Heidegger (1987/2017), tal termo não diz respeito a luz [*Licht*], mas sim a “leve” [*Leicht*] e leve nos remete ao “livre” enquanto àquilo que pode ser “ocupável”, sendo assim, Clareira possui aqui um sentido de “tornar livre”, de “ser aberto”.

Taniguchi, em “O Homem Que Passeia” (1990/2019), ao longo do capítulo intitulado “Margeando O Rio”, demonstra o quanto que a experiência de “levitar” gera uma sensação de tranquilidade, uma vez que o personagem principal desce uma estação antes de chegar no seu escritório de trabalho, apenas para caminhar e apreciar a paisagem ao redor. Neste ato, somos presenteados com os pensamentos do protagonista, que em aforismos (“era tão silencioso... como se o tempo tivesse parado”, “um pequeno respiro em meio ao singelo dia-a-dia, não havia qualquer motivo para me apressar”) e ações como o apreciar o cheiro das magnólias, nos convida a experienciar junto com ele esta percepção da liberdade.

No decorrer da caminhada, o personagem principal “perde” a noção de direção, acaba encontrando um rio e, após andar por sua margem, encontra um idoso pescando e este diz ao protagonista: “num dia de Sol lindo como hoje, finjo que estou pescando. Prefiro até não fisgar nada. É melhor não fisgar nada” -, nos seduzindo a estar dentro daquela experiência de liberdade junto com ele, sem motivos, sem razões, sem porquês.

Taniguchi, em um segundo *mangá* intitulado “O Gourmet Solitário” – em parceria com o roteirista Masayuki Kusumi -, observamos o protagonista em seu experienciar de sentimentos e sensações mediante sua relação com a comida, demonstrando o quanto este ato de se alimentar e o saborear dos ingredientes é capaz de nos propiciar uma vivência diferenciada de mundo. Em um capítulo denominado “Curry-don E Oden No Parque Shajujii, Bairro De Nerima, Tóquio” (1994/2019), temos o personagem principal que, após passear no parque, entra em um estabelecimento para almoçar e, na espera da chegada de seu prato, compartilha seus pensamentos com o leitor sobre as sensações que brotam daquela vivência: “Aaah... Estar em um lugar como este em um domingo está me dando uma sensação curiosa. Por que será...? Este ambiente moroso e aconchegante me dá vontade de ficar aqui para sempre”. Aqui temos outro exemplo de como o “abraço” que o mundo nos fornece é capaz de romper com a sensação do tempo cronológico, nos libertando para uma vivência única, leve, sem quaisquer tipos de amarras.

Considerando tais associações, somos imbuídos a dizer que Hélio – por tópicos como as diminuições dos tremores de membros, a postura ligeiramente mais ereta e a vontade em propor diálogos - “experiência abertura” ao longo de suas caminhadas. Quando Heidegger (1947/2005) aponta este aspecto constitucional do Ser em abertura, não significa que algo está previamente “fechado” no existir, mas sim que nossa essência é sermos esta possibilidade de abertura para aquilo que nos toca<sup>8</sup>.

Em Hélio, vemos o quanto experiências passadas repercutiram em comportamentos rechaçados socialmente, tornando sua convivência social cada vez mais claudicante; contudo, o vivenciar das caminhadas dentro de uma relação de confiança com outrem faz emergir uma “tranquilidade”, uma “leveza”, uma abertura de mundo capaz de trazer novas possibilidades de experienciar as coisas da vida, novas formas de apreender o mundo. Taniguchi também fala sobre como uma caminhada pode nos propiciar um abrir-se:

Quando caminhamos, a velocidade e a passada não nos prendem. Creio que, por sua velocidade, a caminhada corresponde ao deslocamento mais natural do ser humano. Mas a caminhada necessita de um estado de disponibilidade. [...] Esse deve ser o momento mais sossegado do meu dia. Andar por esses intervalos na minha agenda libera a minha mente. São os únicos momentos em que eu posso esquecer meu trabalho ou minhas preocupações (Taniguchi, 1990/2019, p.235-236).

No vértice dos comportamentos de Hélio, Augras (1978/2013) nos ajuda a pensar neste aspecto quando retoma o conceito de espaço enquanto extensão do próprio corpo, vivido como parte integrante da unidade corpórea, ou seja, observar o corpo apenas a partir de suas fronteiras somáticas é limitar a compreensão de suas potencialidades, uma vez que a vivência do espaço se expressa no corpo vivido enquanto morada do homem, sendo o corpo este canal de comunicação com o espaço. Não podemos deixar de relacionar esta passagem com o fato de que Hélio apresenta um traquejo social diferenciado quando se mostra em abertura com o mundo ao longo de se seu caminhar.

<sup>8</sup> “A essência do Ser-aí reside na sua ex-sistência” (Heidegger, 1947/2005, p.26);



Considerando que, dentro do pensamento fenomenológico, a inseparabilidade homem-mundo é um dos pilares mais sólidos de suas articulações, a essência humana não pode ser pensada única e exclusivamente dentro do contexto fisiológico<sup>9</sup>, mas abrangida por um campo de conectividade com o mundo, precisamos observar aquilo que se revela a respeito dos sujeitos a partir da ideia de conjunto e não apenas como partes-extra-partes:

Acreditou-se [...] que a sintomatologia das doenças mentais podia se contentar em assinalar as deficiências. Não se percebia que o sintoma é uma resposta do organismo a uma questão do meio [...] como são as adaptações fundamentais ao meio vital que estão comprometidas, as solicitações desse meio normalmente bastam para detectar e caracterizar a doença. Assim o comportamento patológico poderá muitas vezes ser definido por uma análise real que identifica as reações conservadas e as reações abolidas [...]. Um distúrbio específico deverá pois sempre ser reinserido no comportamento de conjunto [...]. Como o comportamento do doente adere, muito mais estreitamente que o do sujeito normal, às relações concretas e imediatas do meio, o distúrbio fundamental poderá ainda ser definido como ‘a incapacidade de captar o essencial de um processo’ [...]. A doença não diz diretamente respeito ao conteúdo do comportamento, mas à sua estrutura, e que consequentemente ela não é algo que se observa, mas é algo que se entende. A conduta do doente [...] não consiste mais em isolar elementos, mas em entender o desenho de um conjunto e sua lei imanente. A doença não é mais [...] uma coisa ou uma potência que provoca certos efeitos [...]. É um novo significado do comportamento, comum à multiplicidade dos sintomas, e a relação do distúrbio essencial com os sintomas não é mais de causa/efeito, mas a relação lógica de princípio/consequência ou de significado/signo (Merleau-Ponty, 1942/2006, p.94-99).

Não podemos pensar nos sintomas de um processo patológico em Saúde Mental desassociados das vivências mundanas do sujeito; Merleau-Ponty (1942/2006) faz uma analogia a esta noção de conjunto quando a compara com um “campo harmônico”, no qual as notas de uma melodia, quando analisadas individualmente em cada trecho de um compasso, perdem seu brilho contextual e ficam desprovidas de vida, mas quando vistas dentro da peça melódica, ligam-se imediatamente ao conjunto harmônico, fazendo emergir o tema sonoro. Sendo assim, é a nossa relação com nosso mundo que faz florescer miríades inimagináveis de possibilidades de constituição do existir e não a análise de determinado sintoma e/ou comportamento deslocado do meio ao qual se origina, pois isso acarretaria o ofuscamento de sua rede articulatória de sentidos.

Nesta linha de raciocínio, há uma nítida mudança na base comportamental de Hélio quando ele experimenta uma vivência diferenciada com seu mundo através das caminhadas. Não cabe aqui tentar inferir se o adolescente sofreu traumas em sua vida ou se suas relações cotidianas estão permeadas por temáticas como “medo” e “pânico”, já que o foco deste exame é a travessia do paciente em torno da proposta terapêutica e como, a partir dela, novas possibilidades de vivenciar/experienciar podem emergir neste contato mundano mediado pelos passos do caminhar:

As coisas não são [...] simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis e desfavoráveis [...]. Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e à nossa vida, elas estão revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como emblemas das condutas que amamos ou detestamos [...]. O homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele (Merleau-Ponty, 1948/2004, p.23-24);

É interessante observarmos que estamos falando de um modo de compreensão que ultrapassa a noção cristalizada socialmente de “algo que precisa ser encontrado enquanto núcleo duro do sintoma”, na verdade, nos aproximamos de um compreender enquanto “modo de ser” (Augras, 1978/2013) e não há como inferir em que medida a compreensibilidade está no fenômeno ou no observador deste, tamanha é a intersecção da experiência.

Merleau-Ponty (1945/2006) endossa esta ideia quando analisa o ato de duas mãos que se tocam, na qual ambas não são tocantes e tocadas umas às outras ao mesmo tempo como sensações justapostas, mas sim funcionam enquanto uma organização ambígua na qual as duas podem alternar-se nas funções de “tocante” e “tocada” de acordo com a relação em um dado momento, ou seja, o sentido do fenômeno não está em um determinado ponto deste ou mesmo é encontrável pela dissecação de suas partes, mas insurge como algo relativo a maneira de se relacionar com o mundo e é assim que devemos focar a sintomatologia de Hélio:

Não se trata de compreender de que modo significações, ou ideias, ou procedimentos dados vão ser aplicados a esse objeto [...]. Trata-se primeiro de compreender de que modo esse objeto, essa circunstância passaram a significar, e sob quais condições (Merleau-Ponty, 1969/2002, p.85).

<sup>9</sup> Em “Carta Sobre O Humanismo”, Heidegger já comentava o fato de que não é por conta de que a Biologia ou a Química Fisiológica examinam o homem enquanto organismo que isto pode ser classificado como uma “prova” de que o elemento “orgânico” comporta a essência do humano; Heidegger seguirá desenvolvendo esta noção ao apontar que a diferenciação do homem para os outros Entes mundanos reside justamente no fator ex-stático, em outras palavras, no ponto de que a essência do existir se revela na relação intrínseca com o mundo enquanto abertura para possibilidades, externa a mim mesmo, uma ex-sistência;



Taniguchi (1990/2019) nos fornece um exemplo extremamente simples, mas capaz de reiterar tais reflexões no capítulo “Paisagem Embaçada”, cuja premissa principal está calcada em como o protagonista modifica sua visão das coisas após ter seus óculos quebrados por conta de um acidente envolvendo um jogo de futebol. O personagem principal começa a brincar com sua visão, seja experimentando observar o mundo com seus olhos míopes, seja desvendando os objetos com as lentes quebradas, acarretando numa mudança nas características das dimensões, parecendo tudo um grande “recorte” ou um “quebra-cabeça” de si mesmas.

O ponto em questão aqui está em perceber o quanto nosso viver está envolto pela maneira pela qual nós visamos o mundo que nos cerca e como esta relação nos invade, nos desperta inúmeras sensações diferenciadas; no caso deste conto, bastou uma mudança em seu arcabouço de sentidos para possibilitar um novo investimento nas coisas, uma abertura de possibilidades de vivenciar esta experiência que, voltando-se ao personagem, fora de curiosidade, surpresa e um certo nível de jocosidade.

Outro fator que nos faz imaginar esta maneira diferente de sentir o viver, por parte de Hélio, tenha sido sua crescente volição ao discurso durante todas as caminhadas; sua vontade em querer conversar assuntos com seu terapeuta reitera o aspecto de leveza, tranquilidade e nos apresenta a maneira pela qual seu Ser se envolve com o mundo. Augras (1978/2013) aponta o discurso e a fala como aspectos integrantes da revelação do Ser no mundo e que o estudo desta linguagem (1978/2013); enquanto canal de comunicação, atmosfera de encontro com outrem e de si próprio, nos fornece parâmetros para avaliações autênticas da situação do sujeito em seu envolvimento mundano.

Recorrendo novamente a Taniguchi (1990/2019) em “O Homem Que Passeia”, temos um exemplo sobre como a análise da linguagem pode nos abastecer em subsídios para refletirmos sobre o fenômeno enlaçamento do Ser com seu horizonte vivencial. No episódio “Cama De Cerejeira”, o protagonista avista uma formosa árvore de cerejeira no canto de um terreno e este resolve relaxar por um tempo embaixo de sua sombra, quando é surpreendido por uma moça desconhecida, que revela que também ficava deitada em sua relva quando criança até cair no sono, mas teve que se mudar para bem longe da árvore e, naquele momento do encontro, uma saudade havia batido em seu peito, trazendo-a novamente àquele local. É interessante percebemos que, na experiência do diálogo:

A fala do outro vem tocar em nós nossas significações, e nossa fala vai [...] tocar nele suas significações, invadimo-nos um ao outro [...]. Essa fala não é em parte alguma visível [...] está antes a meu lado do que nas coisas, mas não posso sequer dizer que esteja ‘em mim’, já que está igualmente no ouvinte; ela é o que tenho de mais próprio, minha produtividade [...]; o outro, que escuta e compreende, junta-se a mim no que tenho de mais individual: é como se a universalidade do sentir [...] cessasse enfim de ser universalidade para mim, e se acrescentasse de uma universalidade reconhecida. Aqui as palavras do outro ou as minhas nele não se limitam [...] é preciso que seu desenrolar tenha o poder de lançar-me, por minha vez, a uma significação que nem ele nem eu possuíamos [...]. Falar não é somente uma iniciativa minha, escutar não é sofrer a iniciativa do outro, e isto porque, em última análise, como sujeitos falantes, continuamos, retomamos um mesmo esforço [...], no qual estamos ambos apoiados (Merleau-Ponty, 1969/2002, p.174-178).

Olhando para o diálogo entre Hélio e seu terapeuta, somos lançados em um encontro no qual a presença de um, toca o coração do outro e, neste vaivém sinérgico, abre-se um solo fértil para que o adolescente possa expressar, da maneira mais autêntica possível, os novos horizontes de relação com o mundo e as significações que emergem deles. Feijoo (2010) coloca que este mergulho completo entre os atores de um diálogo, enquanto um deixar-se afetar da situação, pode proporcionar o desvelamento de possibilidades, descobrindo-se em liberdade na escolha de suas possibilidades; transportando tais ideias para os encontros com Hélio, somos atraídos a um entendimento de que o adolescente se descobre em liberdade a cada caminhada, a cada conversa, a cada segundo de estreitamento de vínculo.

Indubitavelmente, o tratamento de Hélio não podia se resumir às estratégias peripatéticas, igualmente há de se notificar a importância da sinergia existente entre tal terapêutica e o trabalho realizado pela Psiquiatria, Terapia Ocupacional e Enfermagem em caráter interdisciplinar. Todavia, ressaltamos que, neste possível novo colorir da existência de Hélio, as caminhadas ao redor de seu bairro aparecem como fontes de tintas vivas e fortes, cabendo ao paciente a mistura dos tons que melhor lhe cabiam para formar este desenho.

## Considerações Finais

O estudo de caso descrito não se encerra no ponto final destas páginas, tanto no quesito das ações a serem tomadas pela equipe do CAPS para promover o mínimo de cuidado possível ao púbere, quanto no âmbito das análises e apreensões dos fenômenos que brotam da aproximação de sua existência, afinal de contas, o devir fenomenológico é este mesmo espaço onde não há uma verdade absoluta ou decreto final, mas um eterno aproximar, construir, brotar de fenômenos e revelar de essências.

O busílis da sintomatologia psiquiátrica de Hélio não foi encontrado e este nem há de aparecer dentro da perspectiva fenomenológica; o presente trabalho não teve o intuito de encerrar as discussões a respeito destes tópicos e lacrá-las, a intenção está em fazer borbulhar ainda mais a análise fenomenológica, acres-



centando ingredientes a serem utilizados por futuros estudos, através de diferentes perspectivas e formas de encontro com os assuntos.

Dentro deste escopo, torna-se mister citarmos um capítulo de “O Homem Que Passeia” intitulado “A Continuação De Um Sonho” (Taniguchi, 1990/2019), no qual o protagonista acha uma brecha na agenda e resolve visitar uma cidade portuária a qual não passava por lá fazia um bom tempo; neste ínterim, na estrada em direção à praia, ele encontra uma senhora que, após puxar um diálogo com o mesmo, começa a dissertar sobre o jeito peculiar de voar das alvéolas e culmina na seguinte sequência de falas: “Pássaros são... maravilhosos. Basta galgar o vento para poderem ir onde quiser. Olhando daqui de baixo parecem tão livres. Se pudéssemos voar como eles... nossa vida seria tão mais rica”.

Obviamente, os seres humanos não conseguem exercer este nível de liberdade presenciado pelas aves; mesmo que a Fenomenologia marque a tese da construção do existir enquanto negatividade<sup>10</sup>, em nossa rotina, muito por conta do excesso de responsabilidades que parecem sempre se acoplar dia após dia, não vivenciamos amiúde este estado de liberdade plena, contudo, possuímos meios aos quais alcançamos esta sensação de estarmos libertos das intercorrências mundanas e podermos vivenciar aquele momento tão único em que nada parece nos prender. O caminhar não pode ser equiparado ao voo dos pássaros enquanto ação isolada, mas enquanto um conquistar de uma nova possibilidade de vivenciar um horizonte existencial no exercer de uma liberdade, acreditamos ser possível nivelar tais alegorias.

O objetivo fora a revelação de uma possibilidade terapêutica peripatética como estratégia potente dentro de um trabalho público de Saúde Mental Infantojuvenil, imbricando tal mecânica com transparecer de plausíveis esplendores experienciais que borbulham no âmago deste contato com o mundo, além de incluir a Fenomenologia como campo de prática pulsante na análise de que maneira as conjecturas comportamentais se incidem sobre a estrutura dos Seres-no-mundo e de como estas refletem o modo constitucional de existir de cada um. Não poderíamos deixar de encerrar este trabalho sem deixar de sublinhar aqui uma importante lição que Jiro Taniguchi nos deixa a respeito de suas vivências relacionadas à atividade de caminhar:

Quando tiver um tempo livre, procure sair para andar sem rumo. Assim, imediatamente, sem nos darmos conta, o tempo começa a passar mais lentamente. Aqui ou ali, encontramos coisas esquecidas, sentimos prazer em observar a paisagem das nuvens e nos sentimos cada vez mais tranquilos. A pessoa que está presente, ali, na caminhada, é o mais próximo do que ela é de verdade (Taniguchi, 1990/2019, p.239).

## Referências

- Augras, M. (2013). *O Ser Da Compreensão: Fenomenologia Da Situação De Psicodiagnóstico* (16ª ed). Petrópolis: Editora Vozes, Rio De Janeiro. (Originalmente publicado em 1978)
- Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. (2015). *Saúde Mental Em Dados – 12, Ano 10, Nº12*. Informativo Eletrônico de Dados Sobre A Política Nacional de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. (2005). *Caminhos Para Uma Política De Saúde Mental Infanto-Juvenil* (2ª ed. rev.). Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. (2004). *Saúde Mental No SUS: Os Centros De Atenção Psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. (2008). *Clínica Ampliada, Equipe De Referência E Projeto Terapêutico Singular* (2ª ed.). Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. (2004). *Legislação Em Saúde Mental: 1990-2004* (5ª ed. amp.). Brasília: Ministério da Saúde.
- Couto, M. C. V.; Duarte, C. S. & Delgado, P. G. G. (2008). *A Saúde Mental Infantil Na Saúde Pública Brasileira: Situação Atual E Desafios*. Revista Brasileira de Psiquiatria, 30(4), 384-389. São Paulo.
- Feijoo, A. M. L. C. de (2010). *A Escuta E A Fala Em Psicoterapia: Uma Proposta Fenomenológico-Existencial* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Edições IFEN.

<sup>10</sup> “A negatividade na clínica consiste em deixar que transpareça no analisando o caráter de nadaidade, de indeterminação e de incompletude da existência. Isso quer dizer que a clínica nestes termos vai deixar transparecer que percalços, dores e frustrações também são próprios do existir humano. E, assim, aquele que traz à clínica a expectativa de neste espaço conquistar o nirvana, pode entregar-se à existência de modo a compreender o seu caráter de lançado, indeterminado e, ao mesmo tempo, de poder ser” (Feijoo, 2017, p.100).



- Feijoo, A. M. L. C. de (2011). *A Existência Para Além Do Sujeito: A Crise Da Subjetividade Moderna E Suas Repercussões Para A Possibilidade De Uma Clínica Psicológica Com Fundamentos Fenomenológico-Existenciais* (1ª ed.). Rio De Janeiro: Edições IFEN: Via Verita.
- Feijoo, A. M. L. C. de (2017). *Existência & Psicoterapia: Da Psicologia Sem Objeto Ao Saber-Fazer Na Clínica Existencial* (1ª ed.). Rio De Janeiro: Edições IFEN.
- Heidegger, M. (2005). *Carta Sobre O Humanismo* (R. E. Frias, trad.) (2ª ed.). São Paulo: Centauro. (Originalmente publicado em 1947)
- Heidegger, M. (2017). *Seminários De Zollikon: Protocolos, Diálogos, Cartas* (G. Arnhold & M. de F. de A. Prado, trad.) (3ª ed.). São Paulo: Escuta. (Originalmente publicado em 1987)
- Kusumi, M. & Taniguchi, J. (2019). *O Gourmet Solitário* (A. Oka, trad.) (1ª ed.). São Paulo: Devir. (Originalmente publicado em 1994)
- Merleau-Ponty, M. (2002). *A Prosa Do Mundo* (P. Neves, trad.). São Paulo: Cosac & Naify. (Originalmente publicado em 1969)
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas – 1948* (F. Landa & E. Landa, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1948)
- Merleau-Ponty, M. (2006). *A Estrutura Do Comportamento* (M. V. M. de Aguiar, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1942)
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia Da Percepção* (C. A. R. de Moura, trad.) (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945)
- Taniguchi, J. (2019). *O Homem Que Passeia* (A. Oka, trad.) (2ª ed.). São Paulo: Devir. (Originalmente publicado em 1990)
- Tatossian, A. (2006). *A Fenomenologia Das Psicoses* (C. Freire, trad.). São Paulo: Escuta. (Originalmente publicado em 1979)

Recebido em 07.09.2021 - Primeira Decisão Editorial em 29.08.2022 - Aceito em 05.10.2022